
“A Gente Garimpa Matéria-Prima para o Historiador Trabalhar”: História e Livro-Reportagem no Brasil¹

Alexandre Zarate MACIEL²

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, Maranhão, MA

Resumo

Este artigo discute as relações entre o livro-reportagem produzido no Brasil e a História Nacional, conforme tais entrelaçamentos se manifestam nos enunciados, nos estudos especializados e em depoimentos de autores do gênero. Inicialmente, constata-se a recorrência e a importância de temas “históricos” (acontecimentos, personagens e momentos vinculados à História do Brasil) em livros-reportagem vendidos no país durante as últimas cinco décadas. A seguir, apresenta-se um diálogo entre pesquisadores do livro-reportagem brasileiro, como Lima, Vilas Boas, Ferreira Jr. e repórteres autores entrevistados pelo autor deste artigo a respeito do assunto, visando à contribuir para uma compreensão mais ampla sobre as relações, proximidades e também distanciamentos entre jornalistas e historiadores, livro-reportagem e monografia histórica.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; livro-reportagem; interpretação histórica; memória; contemporaneidade.

Introdução

A intenção, neste artigo, é estabelecer um diálogo entre o que dizem pesquisadores brasileiros que se dedicaram a estudar o livro-reportagem em suas respectivas teses de doutorado com os depoimentos inéditos colhidos pelo autor deste artigo (MACIEL, 2018) com jornalistas escritores do gênero, a partir do método da entrevista qualitativa em profundidade. Os jornalistas escritores entrevistados tratam justamente sobre as possíveis relações de História do Brasil e o olhar jornalístico sobre os acontecimentos e personagens históricas que exercitam nas suas obras.

Talvez seja o livro-reportagem o gênero do discurso jornalístico em que a narrativa dita histórica mais se faça presente. De fato, embora não se tenha notícia de pesquisas comparativas sobre tal presença nos diferentes gêneros midiáticos, existem estudos específicos sobre o livro-reportagem que demonstram a recorrência de temas

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz (MA). E-mail: alexandre.maciell@ufma.br.

“históricos” entre os títulos mais vendidos do gênero no mercado livreiro do Brasil durante as últimas cinco décadas. Conforme pesquisa de doutorado realizada por Catalão (2010), dos 13 livros-reportagem “nacionais” (ou seja, escritos por autores brasileiros e com temas também relacionados ao Brasil) que tiveram o maior número de entradas em listas mensais de livros mais vendidos no país durante o período de 1966 a 2004 (todos com entrada em tais listas por um período igual ou superior a dez meses), dez (uma proporção de aproximadamente 77%) eram dedicados a acontecimentos, momentos ou personagens históricos.

Lideram a lista de livros-reportagem brasileiros mais vendidos no período algumas das obras mais representativas do exercício de interpretação histórica com olhar jornalístico já produzidas no Brasil. Nas quatro primeiras posições, segundo a pesquisa de Catalão (2010), estão, na ordem, *Olga*, de Fernando Morais, *A viagem do descobrimento*, de Eduardo Bueno, *1968: o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura e *Náufragos, traficantes e degredados*, também de Eduardo Bueno. Na sétima e na nona posição, respectivamente, aparecem dois livros-reportagem que fazem parte da coleção de cinco obras escritas pelo jornalista Elio Gaspari a respeito da ditadura militar brasileira (1964-1985), respectivamente *A ditadura envergonhada* e *A ditadura escancarada*.

Também em um período mais recente, pode-se notar o mesmo predomínio. Desde setembro de 2010 a revista eletrônica Publishnews, especializada no mercado editorial livreiro, tem publicado em seu sítio na internet (<https://www.publishnews.com.br/>) listas semanais, mensais e anuais de livros mais vendidos no Brasil, a partir da soma simples das vendas informadas por 13 livrarias — A Página, Argumento, Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Livraria Cameron, Livraria da Vila, Lojas Americanas, Martins Fontes SP, Nobel, Saraiva e Travessa. Embora se trate de uma amostra (e não do universo) da venda de livros no Brasil, pode-se tomá-la como representativa do comportamento de compra dos consumidores destas obras no país, na medida em que ela reúne de forma simples e objetiva as vendagens de algumas das maiores livrarias brasileiras. Ao realizar uma pesquisa nessas listas, e tendo em vista comparar a proporção de temas históricos entre os livros-reportagem mais vendidos no período de 2010 a 2019, com aquela observada entre 1966 e 2004, Catalão (*in memoriam*) e o autor deste artigo constataram novamente o predomínio de temas históricos entre os livros-reportagem mais vendidos.

Ao contrário do primeiro período pesquisado (1966 a 2004), quando Eduardo Bueno foi um dos principais destaques em termos de produção de um tipo de livro-

reportagem que cuida, a partir de uma visão jornalística, da divulgação histórica, o novo expoente foi o fenômeno de vendas Laurentino Gomes, que consta entre os entrevistados deste artigo. Os três livros de sua primeira trilogia, *1808*, *1822* e *1899* foram também os três mais vendidos entre 2010 e 2020, em uma soma informal estimada de pouco mais de 500 mil exemplares. Outro jornalista que teve projeção neste sentido foi Leandro Narloch, com três livros: *Guia politicamente incorreto da História do Brasil* (4º lugar), *Guia politicamente incorreto da história do mundo* (12º lugar) e, em 14º, *Guia politicamente incorreto da América Latina*, este escrito em parceria com Duda Teixeira. Vale menção, ainda, ao primeiro volume da trilogia do jornalista Lira Neto sobre o ex-presidente Getúlio Vargas, *Getúlio 1945-1954*, que aparece em 15º lugar. Este levantamento, abrangendo de 2010 a 2019, permanecia inédito e é revelado pela primeira vez neste artigo, após o falecimento precoce do pesquisador e parceiro de pesquisas no campo do livro-reportagem, Heriberto Catalão.

Vale salientar, ainda, que no período compreendido desde o início da pandemia da Covid-19, em 2020, Laurentino Gomes novamente vem apresentado um desempenho de vendas significativo da sua nova trilogia, sobre a escravização dos africanos no Brasil. Em consulta mais informal e recente à lista do Publishnews, as obras *Escravidão vol. 2* e *Escravidão, vol. 1*, aparecem, respectivamente, em segundo e nono lugar, em uma relação de 20 livros de não-ficção mais vendidos que não inclui, vale dizer, mais nenhuma outra obra escrita por um jornalista. Confirma-se, portanto, ao menos quanto à sua participação no mercado livreiro, a presença relevante da narrativa histórica entre os enunciados do gênero livro-reportagem publicados no país, assim como o interesse em compreender melhor como esta produção se tem configurado, seja conforme os seus autores ou seus leitores e pesquisadores.

“O veio central do jornalismo é a contemporaneidade”: Reportagem e História

Ao descrever as características do livro-reportagem, Lima (2009, p. 44) pondera que este produto jornalístico “leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas”. Mesmo assim, o trabalho do jornalista autor não se confundiria com o do historiador, “porque seu veio central é a contemporaneidade, mergulhando no passado apenas para compreender

com maior elasticidade as causas dos conflitos presentes originados no tempo que já fluiu, em duração curta, breve ou longa”.

Lima (2009, p. 45) acrescenta que, ao contrário da História, o jornalismo desenvolvido no livro-reportagem pode “escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar no futuro, antecipando a continuidade do atual, mediante seus desdobramentos, no que virá a ser. Tudo para ampliar o foco de compreensão do contemporâneo”. Lima defende, por fim, que o conceito de atualidade, no caso do livro-reportagem, seja substituído por contemporaneidade. “Aparentemente, é apenas um sinônimo, mas sua força conotativa, quero crer, faz alusão à plasticidade e à elasticidade que o tempo presente ganha no livro-reportagem”. Neste ponto, talvez valha a pena perguntar: e quando o objeto, o tema do livro-reportagem, é um acontecimento histórico, como o Golpe Militar de 1964 (ou o período ditatorial ao qual ele deu origem), como no caso da série de livros que Elio Gaspari escreveu sobre o assunto? Ou quando se trata de uma personagem, biografada mais de meio século após sua morte, como no trabalho de Lira Neto sobre Getúlio Vargas, ou de Fernando Morais sobre Olga Benário Prestes?

Na condição de historiadoras que resolveram encarar a experiência de traçar uma interpretação “biográfica” da história do país em *Brasil: uma biografia*, Schwarcz e Starling (2015, p. 19) explicam, na apresentação da obra, que tem muitas intersecções com a linguagem jornalística, as vantagens de se utilizar os princípios da biografia como “um bom caminho para compreender o Brasil em perspectiva histórica: conhecer os muitos eventos que afetaram nossas vidas, e de tal modo, que continuam presentes na agenda atual”. As pesquisadoras também afirmam que o gênero biográfico “é a evidência mais elementar da profunda conexão entre as esferas pública e privada: somente quando estão articuladas, essas esferas conseguem compor o tecido de uma vida, tornando-a real, para sempre” (SCHWARTZ & STARLING, 2015, p. 20). Esta ambição também está presente, como veremos nos relatos abaixo, nas reflexões dos jornalistas escritores de livros-reportagem quando estão lidando com o desafio de narrar jornalisticamente determinados episódios ou trajetórias de personalidades históricas brasileiras.

Outro ponto importante apontado pelas historiadoras e que também transparece nas preocupações dos jornalistas escritores entrevistados é a recomendação do uso de imaginação e de multiplicidade de fontes como características essenciais para uma boa biografia. “Nela, cabem os grandes tipos, os homens públicos, as celebridades; cabem

igualmente personagens miúdos, quase anônimos” (SCHWARTZ & STARLING, 2015, p. 20). No entanto, tanto as historiadoras quanto os jornalistas escritores entrevistados pelo autor deste artigo acreditam que o historiador e, por que não os jornalistas, sempre estão “às voltas com a linha difusa entre resgatar a experiência daqueles que viveram os fatos, reconhecer nessa experiência seu caráter quebradiço e inconcluso, e interpelar seu sentido”. Assim, como ambas concluem que a biografia é um gênero da historiografia, considero que o jornalismo praticado com todas as especificidades que caracterizam a prática do livro-reportagem também aproxima o olhar do jornalista escritor biógrafo a missões muito semelhantes, em alguns aspectos, às dos historiadores.

Mas é preciso estabelecer ponderações. Ao analisar o campo das biografias escritas por jornalistas, Vilas Boas (2010, p. 94) trata da inevitável necessidade, em obras deste gênero, de o biógrafo “se embrantar nos contextos históricos e socioculturais, esgarçando o humano ser”. Quando age desta forma, segundo a análise do pesquisador, o jornalista escritor de biografias acaba forçando o estabelecimento de um “nexo causal direto entre os personagens e os acontecimentos, que parecem decorrer da sua vontade ou da sua influência”. Por outro lado, enquanto o biógrafo de vocação histórica mais definida tende, na opinião de Vilas Boas (2010, p. 94), a “dissolver o indivíduo no contexto histórico e social”, aqueles que ele classifica como biógrafos de “vocação mais literária”, tentariam, na sua ótica, “recriar seu personagem, na tentativa de humanizá-lo”. Ambos, portanto, estariam equivocados, pois igualmente se servem do sujeito, mas “um para fazer história, outro para fazer romance”.

Tendo se debruçado sobre obras de um jornalismo de revisão histórica mais engajado, como em alguns livros de Norman Mailer, além de *Rota 66 - a história da polícia que mata*, de Caco Barcellos, Ferreira Jr. (2004, p. 404) frisa que o trabalho mais paciente, reflexivo e autoral do jornalista que escreve livros-reportagem opera “literariamente na distância entre o fato noticioso (o novo, a notícia de uma atualidade), o acontecimento histórico e as versões subjetivas dos mesmos, sem pretender obter conjunto uma síntese definitiva e única”. Assim, esses escritores operariam armados de uma visão crítica que pode questionar a própria visada histórica estabelecida sobre determinado processo. Na visão de Ferreira Jr. (2004, p. 405), tais autores, sem esconder-se atrás do discurso de uma suposta objetividade e distanciamento, postam-se “nitidamente na luta pela (re) articulação da esfera pública, questionando e rompendo, em algum grau, a verossimilhança das ficções tomadas como realidade pelas verdades

hegemonias e iluminando áreas escuras e desconhecidas por meio de um trabalho sobre fragmentos do real”. Ferreira Jr. (2004, p. 410) acredita que a partir de um trabalho complexo, portanto, de valorizar “o processo, a relação memória-vida cotidiana, as sequências lineares e não-lineares de transformações que desembocam nas diversas atualidades”, as narrativas de livros como esses “apresentam características de uma múltipla leitura da existência, do real e do mundo, entrando simultaneamente em sintonia, internamente entre si mesmas e, para fora, além dos próprios círculos, com obras e contextos históricos passados”.

Já Catalão (2010) observa diferenças importantes entre a voz do historiador contemporâneo e a do autor brasileiro de livros-reportagem: no texto deste não se vê a preocupação com a “explicação histórica”, fundamentada em determinada perspectiva historiográfica ou Teoria da História. Além disso, a maneira como ambos abordam “o relacionamento entre os acontecimentos e as estruturas” é bastante diferente, não só pela ausência de uma discussão teórica sobre as “estruturas históricas” no livro-reportagem, mas também por suas posturas diferenciadas em relação aos acontecimentos. O historiador contemporâneo se interessa por um acontecimento, na visão de Catalão (2010), na medida em que (1) ele seja revelador de um período ou de um processo de mudança histórica; (2) por seu papel de eventual acelerador desta mudança e/ou (3) pela maneira como, em sua ocorrência, dão-se a convergência e a unificação de determinados fenômenos e evoluções históricas que devem ser inter-relacionados a partir de determinada perspectiva teórica e historiográfica, subsidiando assim a “explicação histórica”.

Assim, muito simplificada, pode-se dizer que o historiador contemporâneo visa o acontecimento com o objetivo de, por meio deste, compreender melhor o contexto em que ele ocorre. Já o repórter, pelo contrário, tem no acontecimento – entendido, claro, não apenas e necessariamente no sentido restrito da mera ocorrência de um evento singular – seu interesse principal. E aborda o contexto em que ele ocorre apenas na medida em que tal contexto ajude a compreender melhor o acontecimento reportado.

“Tínhamos um pecado original de ficar na superfície das coisas”: As vozes dos autores

O jornalista e escritor Lira Neto (informação verbal)³, que estuda inclusive doutorado em História na Universidade do Porto, em Portugal, e biografou, entre outras personalidades, o ex-presidente Getúlio Vargas em três volumes, admite, em entrevista ao autor deste artigo, que a “tensão” entre historiadores e repórteres que escrevem livros-reportagem de interpretação histórica “durante muito tempo se alimentou”, mas duvida que ainda faça sentido atualmente. Lira Neto cita que, de um lado, havia “um corpo de historiadores que se negava a qualquer perspectiva de compreender a história como narrativa, que abominava a narrativa”. No outro, estavam situados “nós, jornalistas, que também tínhamos uma distorção e um vício de origem, um pecado original que era o de ficar na superfície das coisas, de estabelecer a narrativa como... o fim e o meio”.

Lira Neto classifica essa postura narrativa jornalística, na mesma entrevista, como “uma simples contação de história e sem descer às complexidades e sem nenhum rigor com o tratamento dessas fontes”, o que acabou gerando, em sua opinião, “um monte de contrafação histórica publicada com o nome de biografia”. Mas crê que atualmente, quando se observam publicações em livro de historiadores e jornalistas, percebe-se uma “confluência maior, um desarmamento dos espíritos”. O escritor pondera que o ideal seria que cada um desses profissionais compreendesse a função do trabalho do outro, que ele considera que sejam de naturezas, finalidades e objetivos distintos, mas que, “em vez de serem antagônicos, são absolutamente complementares”. Lira Neto esmiúça, para completar o seu raciocínio, como se percebe hoje, em sua visão, as posturas dos historiadores e jornalistas:

De um lado os historiadores perceberam a importância de não só lidar com o macro, mas trabalhar com a vida privada, trabalhar com a emoção do cotidiano. Tudo isso arejou o ambiente do estudo da história. Você tem todas essas descobertas, a descoberta do prazer do texto, a descoberta da narrativa, do cotidiano, da vida privada por parte dos historiadores. Você tem por parte dos jornalistas, creio eu, uma atenção para a responsabilidade de coisas que até então eram muito mais impressionistas, muito mais pitorescas, prosaicas. E eu acho que é uma coisa que se você nota no meu trabalho com o Getúlio, por exemplo. Você vai perceber a minha preocupação em oferecer ao leitor, não necessariamente ao leitor em geral, mas a um leitor que tem um interesse de prosseguir na pesquisa, de referenciar todos os meus livros de forma até obsessiva, até como um antídoto para essa visão de que o jornalista trabalha com a invenção e com a

³ NETO, Lira. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado [17/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h52min).

criatividade na hora que falta a pesquisa. (LIRA NETO, 2016, informação verbal).

O escritor ressalta que um dos diferenciais de seu trabalho é não se contentar com a simples pesquisa bibliográfica. “Eu faço questão de descer aos documentos. Se você pegar *Getúlio*, as cartas são a coluna vertebral. Eu recorro muito também aos jornais de época”. Ele dá um exemplo no caso do mergulho que fez nos diários de Getúlio Vargas, que somam mais de mil páginas, além de cartas trocadas pelo ex-presidente com a sua filha Alzira. “Ele tinha consciência de que aqueles diários iam ficar para a posteridade. Então era o Getúlio por ele mesmo, mas o Getúlio com todos esses filtros. Daí você tinha o Getúlio por ele mesmo nas cartas com a filha, que daí os filtros eram muito menores”. O mosaico para o biógrafo jornalista que interpreta a história também precisa contar com documentos que ajudem a decifrar a personalidade do personagem. “Você tem que abrir o leque e perceber que tudo é documento. Charge é importantíssimo, matéria de imprensa é importantíssimo, filme é importantíssimo, música, eu uso muito música no *Getúlio*. Então tudo isso é fonte histórica”, esclarece o escritor na mesma entrevista.

Lira Neto acredita que este trabalho de esmiuçar documentos primários que depois serão ordenados em uma narrativa atraente oferece “um panorama, uma complexidade, uma visão muito mais polifônica do tema que você está tratando. E no caso do Getúlio eu fiz questão, nessa polifonia, de colocar todas essas vozes, contrárias ou a favor, dialogando dentro da própria narrativa”.

Em busca de uma definição para o tipo de trabalho que desenvolveu no livro *Os fuzis e as flechas*, sobre a relação muitas vezes destrutiva da ditadura militar brasileira (1964-1985) com os indígenas naquele período, o jornalista e escritor Rubens Valente (informação verbal)⁴ diz que não se define como “nada além do que um repórter”, mas lidando com um material “mais distante no tempo”: “Se tivesse que dar uma definição para principalmente o trabalho dos índios e outros que eu estou levando adiante acho que se trata de uma investigação histórica, vamos dizer. Uma investigação jornalística histórica”. Ele completa que assume uma postura profissional de quem não tem ambição de ser historiador, pois a história tem regras claras, acadêmicas, que o jornalista diz respeitar. “Mas realmente tem mais a ver com o jornalismo, por quê? Pelas ferramentas: pesquisa de campo, ouvir as pessoas, análise documental e a escrita, que não está tão

⁴ VALENTE, Rubens. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: café [07/05/2016]. 1 arquivo .mp3 (3h).

presa àqueles cânones da academia, a escrita mais solta”. Na sua concepção, conforme manifestou na mesma entrevista, o que move a busca do jornalista pelo livro é a preservação da memória. “Eu acho que jornalismo é a memória. Num mundo fragmentado, de informação rápida que entra e sai, precisa agregar, consolidar, lidar, organizar a informação”.

Como tem percebido os historiadores fazendo um movimento contrário, se aproximando do jornalismo, Rubens Valente também classifica o suposto confronto como falso. “A gente se abastece das técnicas dos historiadores, como a de voltar no tempo com mais calma. E eles também se abastecem das técnicas jornalísticas, que é ouvir fontes vivas, escrita mais solta. Jornalista tem um pouco mais de malícia, de pimenta”. Para exemplificar o seu raciocínio, Rubens Valente comentou um bastidor do seu livro *Os fuzis e as flechas*:

Por exemplo, nesse caso dos índios, eu ouvi um outro episódio, vários índios morreram e, ao pesquisar esse evento, eu encontrei uma tese acadêmica que mencionava um diário de campo de um sertanista que esteve lá. E essa menção era rápida. E remetia a uma nota de rodapé, um diário de campo do sertanista. Eu fiquei muito intrigado, porque um sertanista, quer dizer que ele acompanhou aquilo, é um episódio incrível, muitos índios morrem em uma caminhada na mata, caminhada que o governo militar não soube. João Evangelista Carvalho. E ele teria deixado esse diário. Então eu disse: vou voltar à matéria-prima. O que é que tem no diário, que me interessa como repórter e que não interessou ao acadêmico? Embora o acadêmico tenha dado a síntese ali. E eu pego o diário, sei lá, 400 páginas, em letra deitada e li. E encontrei coisas incríveis. Reflexões do sertanista sobre fé, sobre a relação dele com o índio, sobre o que ele estava fazendo ali, o próprio achado dos corpos, como ele narra o achado dos corpos. Tudo aquilo deu uma dimensão para a tragédia que para um historiador, um acadêmico, não interessou. Era outro leitor, outro objetivo. Então esse é só um exemplo de como você tem que voltar para as fontes primárias. Para mim tem que reler tudo, o repórter que se propõe a contar algo, não tem problema ele reler, pois ele pode achar cores, tessituras, não é? Personagens que passaram, que para o historiador não interessaram. (VALENTE, 2016, informação verbal)

Para Zuenir Ventura (informação verbal)⁵, que se lançou ao desafio de, em dois livros, tentar decifrar um ano “histórico”, 1968 (*O ano que não terminou e O que fizemos*

⁵ VENTURA, Zuenir. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Rio de Janeiro: apartamento do entrevistado [17/08/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h56min).

de nós?), o trabalho do jornalista é complementar ao do historiador. “Tenho a impressão de que a gente tem mais ou menos o papel do historiador do presente. E eu procuro ser o jornalista do passado para o futuro. Uma brincadeira, mas eu acho que a gente garimpa um pouco de matéria-prima para o historiador trabalhar, corrigir, refazer”. A diferença, na concepção de Zuenir Ventura, é a questão da perspectiva do historiador: “Não sei quantos anos depois, conferir tudo aquilo que você naquele momento, por mais que seja livro, mas que você faz em cima da atualidade”.

Campeão de vendas com a trilogia de interpretação histórica *1808, 1822 e 1899*, Laurentino Gomes (informação verbal)⁶ diz se surpreender com a reação de leitores, que muitas vezes comentam que os seus livros estariam contando “a verdadeira história do Brasil”. Ele prefere negar essa impressão, respondendo que fez, na verdade, “uma versão, uma visão muito pessoal, um olhar”. Mesmo assim, Laurentino acredita que é interessante observar que num país de “pessoas analfabetas, que nunca priorizou a educação, que nunca valorizou a história, existe na cabeça das pessoas a ideia de que há uma agenda secreta da história, uma história não contada, uma história que foi sonogada”. Assim, o escritor salienta que um dos principais objetivos do seu trabalho é o de “desvestir” alguns mitos. “Olha, o D. Pedro não estava vestido como um príncipe real na margem do Ipiranga. Estava vestido com atropelo e estava com dor de barriga. As pessoas ficam encantadas, elas falam como você descobriu isso? Isso já estava nos livros, só que ninguém leu”.

Laurentino Gomes crê que o livro-reportagem de interpretação ou divulgação histórica pode superar a tentação de apenas apresentar acontecimentos “interessantes, pitorescos, bem-humorados”, tentando ambicionar outro patamar: “Um livro-reportagem no fundo está refletindo sobre o que nós somos, como é que nós chegamos até aqui, quais os caminhos que nós escolhemos, as escolhas que nós fizemos no passado, as escolhas que nós não fizemos”. Para o jornalista, a história, assim como o jornalismo, não é feita apenas de “fatos” e “acontecimentos objetivos”, mas, principalmente, de uma construção imaginária, e é necessário deixar isso claro para os leitores. “Na hora que você escolhe como você vai narrar ou interpretar um assunto, você está construindo uma história mitológica. Por isso que tem tanto mito, não é? Mitos fundadores da nacionalidade, os pais da pátria, a Batalha do Guararapes”.

⁶ GOMES, Laurentino. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: livraria Saraiva Shopping Eldorado [13/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (2h14min).

Quando foi entrevistado pelo autor deste artigo, em 2016, Laurentino Gomes estava iniciando o processo de produção de uma nova trilogia, cujo primeiro volume foi lançado em agosto de 2019, tratando da escravidão no Brasil. Diferentemente de jornalistas escritores como Lira Neto ou Fernando Morais, que investigam documentos primários para chegar a conclusões próprias, Laurentino organiza o seu trabalho a partir de uma leitura intensiva das obras dos principais historiadores que trataram do assunto para, então, tentar organizar, em uma linguagem jornalística, uma interpretação acessível da História. Na ocasião, ele tinha a meta de ler 150 livros históricos sobre a escravidão, em uma primeira etapa de pesquisas que demoraria dois anos. “É fascinante, porque me dá uma oportunidade para me aprofundar muito mais no assunto, num grau que beira o conhecimento acadêmico. Eu tenho oportunidade de confrontar as fontes. Uso o bom senso, vou em busca de alguém que conhece como lidar com essas informações conflitantes”. Para complementar o seu trabalho, Laurentino Gomes costuma visitar locais históricos em busca de traços do passado, como fez mergulhando na Festa de 2 de Julho na Bahia, para entender o processo do reconhecimento tardio da Independência e narrá-lo no livro *1822*. “Existe uma mitologia que está sendo construída todo ano, ainda hoje, quase 200 anos depois. Então é importante você ir lá e observar, não adianta só contar a história de 2 de Julho com base nos relatos na época, documentos e tal”, argumentou o escritor na mesma entrevista.

Algumas vezes o trabalho investigativo promovido por um jornalista para apurar e escrever um livro-reportagem acaba contribuindo para elucidar certos mistérios da História. Em seu livro *Cova 312*, lançado em 2015, Daniela Arbex se propôs a um desafio: reconstituir o que realmente aconteceu com o militante político Milton Soares de Castro, que esteve envolvido na frustrada tentativa de formação de um foco guerrilheiro na Serra de Caparaó. Após sua prisão, em 1967, ele nunca mais foi visto e informações desencontradas davam conta de que ele teria cometido suicídio na sua cela, em um presídio de Linhares. No livro, Arbex reconstituiu a história de Milton, comprova o seu assassinato pelas forças da repressão e, de forma surpreendente, encontra até mesmo a sua cova, cujo número consta no título. Um esforço desmedido de repórter para desencavar o passado mudo. No corpo do livro ela explica ao leitor, com detalhes, seu processo de investigação, inclusive desmontando a versão do suicídio a partir de uma análise mais acurada dos próprios documentos divulgados na época pelo governo militar. O trabalho de Daniela Arbex foi premiado com o prêmio Jabuti de melhor livro de não-

ficção e sua versão dos fatos foi aceita como prova de assassinato do guerrilheiro no relatório final da Comissão da Verdade.

Durante a elaboração do livro, no entanto, Daniela Arbex defrontou-se com várias informações contraditórias que precisou resolver. Um dos sobreviventes do presídio de Linhares que conviveu com Milton nos seus últimos dias afirmava insistentemente para a repórter que viu o prisioneiro entrar vivo na cela em que teria sido encontrado morto. Este depoimento contrariava a versão da jornalista, segundo a qual o guerrilheiro teria sido assassinado em uma sessão de torturas ocorrida em outra sala, sendo depois forjada, pelos carcereiros, uma cena de “enforcamento” em um canto da cela com o cadáver. Arbex (informação verbal)⁷ explicita suas dúvidas: “Ele fala que viu o Milton fazer assim [mexe o pescoço de um lado para o outro], coisa e tal. Mas como ele viu? Porque é muito difícil ver. Eu entrei na galeria A. As celas são todas desencontradas, você não consegue enxergar, e ele vê o cara fazer assim?” A escritora explica que tentou reconstituir a linha de visão que a sua fonte dizia ter, visitando o presídio e entrando na cela, checando jornalisticamente as evidências. “Entreí lá com um perito da polícia. As celas são desencontradas, é meio difícil. Daí o perito foi para uma cela, eu fui para outra, a gente se fechou para ver se dava pra ver...Você vê, mas você não vê com essa exatidão de detalhes”. Certas lacunas permanecem, no entanto, pois mesmo com a jornalista tendo encontrado o corpo de Milton Soares, a família se recusou a exumá-lo, o que seria bastante revelador sobre as circunstâncias de sua morte. “A família não querer exumar foi muito frustrante na época. Foi um balde de água fria. Eu falei: pô, mas todo mundo quer fazer a exumação”.

O jornalista Fernando Morais (informação verbal)⁸, que lidou com a interpretação jornalística da história em livros como *Olga, Os últimos soldados da Guerra Fria e Corações Sujos*, aponta uma questão séria que dificulta o trabalho tanto dos historiadores quanto dos jornalistas: o descaso em relação à conservação de documentos no Brasil. Ele pondera que mesmo em países como Portugal e Cuba, que não são tão ricos, a questão da preservação da memória é crucial. “O Brasil tem dificuldade. Primeiro, porque não há uma tradição de preservação de memória, de tradição cultural. Segundo, porque é muito pouco comum aqui as pessoas públicas deixarem a sua produção, as suas anotações em

⁷ ARBEX, Daniela. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Juiz de Fora, Minas Gerais: redação jornal *Tribuna de Minas* [08/08/2016]. 1 arquivo .mp3 (2h31min).

⁸ MORAIS, Fernando. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado [17/09/2016]. 1 arquivo .mp3 (1h49min).

instituições públicas”. Assim, quando tem que pesquisar informações sobre, por exemplo, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, sobre quem ele vem preparando um livro que recuperará sua vida desde a primeira prisão, na época das greves do ABC paulista, até a recente condenação, não encontra nada digitalizado, precisa recorrer ao Instituto Lula. “Mas como nunca houve uma legislação que estabelecesse regras para a liberação de documento público, você ficava na mão de burocratas. Mas está melhorando e vai melhorar. Já existe legislação um pouco draconiana para o pesquisador, mas pelo menos já existe. Agora...é uma tragédia”. Como se vê, a posição de cada um dos autores citados acima é determinada não por uma Teoria da História ou do fazer historiográfico, mas por seu trabalho e suas vivências como repórter, e é também em razão dessas distintas trajetórias que se delineiam as diferenças e particularidades que singularizam suas perspectivas.

Elementos para uma conclusão

A principal vantagem do tempo estendido para as pesquisas, que beneficia o escritor de livros-reportagem, é poder voltar aos acontecimentos depois que a tensão do factual se acalmou. Os entrevistados são capazes de expressar melhor suas impressões e emoções, comparando sua situação presente e a que viveram no passado. Podem surgir, com o tempo, sempre novas fontes documentais históricas. Uma biografia ou livro de reconstituição histórica – isso parece ser consenso entre os entrevistados pelo autor deste artigo, também não deve ser encarado como uma última palavra, definitiva. Ao contrário do que concebe a perspectiva positivista, que encara o conhecimento como algo que pode ser completo, acabado e perfeito e não na condição de estar sempre em processo, o desejável é que, com o tempo, não só novos livros, mas a mídia como um todo, revise temas cruciais para compreender o Brasil.

Temos, então, um olhar mais aproximado do historiador? É preciso cuidado com essa fronteira porosa, de trocas, no entanto com diferenças. Ambos os profissionais fazem amplas pesquisas de campo, analisam os fatos na perspectiva mais contemporânea do que factual, cotejam fontes documentais e orais do passado, porém o jornalismo está em busca do singular, podendo atingir até o particular estético. É o repórter, com suas lentes marcadas por várias influências, que procura revelações nas mesmas fontes históricas, o que muitas vezes gera atenção a detalhes que podem não interessar os historiadores mais

tradicionais. Ele está menos centrado na macro-história e na análise conjuntural – busca o cotidiano. Porém, é preciso tomar cuidado com o pitoresco, o reducionismo, a visão caricata e simplificada dos acontecimentos contemporâneos.

Como parece ser uma mídia de maior durabilidade, o livro-reportagem é apontado pelos entrevistados como uma contribuição para o debate da memória nacional tão combatida. Para isso, é preciso superar um objetivo básico de gerar entretenimento na leitura e ambicionar uma pesquisa jornalística que resulte em um melhor entendimento sobre os papéis sociais e as problemáticas brasileiras, assim como suas mutações. Diante da insegurança do boato, cada vez mais flutuante no oceano da internet, assim como do jornal impresso, o livro parece trazer certo carimbo de credibilidade. Retirar temas da sombra da história, retomar grandes narrativas silenciadas, repensar o atual por uma ótica mais processual do que causal são possibilidades do jornalismo contextualizado apresentado nesse formato. A chave para o diálogo saudável entre o jornalismo e a história seria justamente, como opinam alguns dos entrevistados, os historiadores inserirem em suas “visões macro” elementos reveladores da vida privada e do cotidiano, e os jornalistas serem mais atentos e respeitosos às fontes históricas, minimizando os tons impressionistas e ancorando-se em um referenciamento mais sério.

Referências

CATALÃO JR, A. H. C. **Jornalismo best-seller:** o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara - SP, 2010.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. Revista e ampliada. Barueri/SP: Manole, 2009.

MACIEL, A. Z. **Narradores do contemporâneo:** jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil. 2018. 209 f. Tese (Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ROGÉ FERREIRA JR., C. A. **Literatura e jornalismo, práticas políticas:** discursos e contra-discursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VILAS BOAS, Sergio Luis. **Metabiografia e Seis Tópicos Para Aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - USP, 2006.